

A NATIVIDADE DE S. JOÃO, O BAPTISTA

24 de Junho

Precursor de nosso Senhor Jesus Cristo.

Introdução: **O Profeta do Fogo**

A expectativa era premente, em mais uma situação crítica. O ambiente político, social e religioso era pesado e tenso. Dois séculos antes, Antíoco III, Selêucida, tomara a Palestina. Ao princípio, a cultura helénica impressionara e ganhara adeptos. Contudo, a resistência não demorou a organizar-se, porventura, sob pretexto de manter a pureza religiosa. Em 167 (a.C.), rebentava a revolta dos Macabeus que culminaria, 26 anos depois, com a independência de Israel.

Os antigos romanos tinham uma ideia muito própria deste povo: *possuído de uma odiosa hostilidade para com os outros* (Tácito). No manual do combatente, achado em Qumram, é apresentada a teoria da guerra final que os filhos da luz travarão contra os filhos das trevas, com a duração de 40 anos. Deus será o comandante e os anjos intervirão, chefiados pelo arcanjo S. Miguel, com o objectivo de aniquilar todos os filhos das trevas e impor Israel como dominador universal. Tal domínio é identificado com o Reino de Deus. Então, para ser-se bom judeu implicaria ser bom guerrilheiro, velar pela lei e preparar-se para a batalha. Odiar o inimigo, eis a virtude necessária. Esperar o último combate, o dia da vingança, eis a esperança e a obrigação de todo o bom crente. (Os nossos ouvidos ainda retêm: é agora que vais restaurar o reino de Israel?)

No ano 63 a. C., Pompeu entra em Jerusalém, a sangue e fogo. O Estado judeu é completamente arrasado. Lá se vão todas as esperanças e sonhos de um século. Os livros da época (*comentário essénio de Habacuc e os salmos fariseus de Salomão*) considerando a ocupação uma catástrofe, a exigir a vingança divina, suplicam a vinda do Messias.

A ocupação romana era dura. Embora admitindo certa liberdade religiosa, reprimia ferozmente qualquer insurreição, deportando ou vendendo, como escravos, povoações completas ou crucificando milhares de judeus. Frequentemente, Roma servia-se de pequenos chefes locais que se encarregavam de manter a ordem, num regime sanguinário imposto. Pagavam a centenas de delatores para manterem a população amedrontada. Mas, sobretudo, empobreciam o povo, com impostos exorbitantes. A resistência mantinha-se nas montanhas quer da Judeia, quer da Galileia. Na Galileia, surgiu o movimento zelota, comandado por um certo Judas de Gamala.

Era este o ambiente da Palestina, na época em que João se refugiou no deserto: *“um paiol de pólvora político e religioso”*, segundo Martin Hengel. A nação dividia-se num leque de partidos e de seitas: herodianos, saduceus, fariseus, zelotas, sicários e essénios. Opostos entre si, do ponto de vista religioso e político, desde colaboracionistas, herodianos e saduceus, moderados fariseus, guerrilheiros de Deus, zelotas e sicários e os não-alinhados essénios que viviam em comunidade monástica e se dedicavam ao trabalho, à oração e ao estudo, na espera dos tempos messiânicos. (Ainda hoje, investigadores se interrogam sobre a influência que este último grupo terá tido sobre João Baptista e mesmo em Jesus: ressaltando algumas semelhanças, contudo, as diferenças são grandes. Finalmente, o povo desprezado: *“Esta turba que não conhece a lei são uns malditos”* – dizem os fariseus (Jo. 7, 49). (As multidões que Jesus ama e de que tem compaixão, pois que andam desgarradas como ovelhas sem pastor).

Certo dia Jesus perguntou aos seus discípulos: Quem dizem as multidões que Eu sou? Responderam-lhe: João Baptista, Elias, um dos antigos profetas que ressuscitou. A confusão era grande. Mas a multidão dos abandonados e espeznhados, esperava ansiosamente o Messias, o Salvador. Esperança e desconfiança eram sentimentos que se confundiam, na alma do povo. Certamente, muitos esperavam uma intervenção de Deus, mas tantos eram os falsos Messias que saíam a caminho! Confiaram em João, mas ele declarou-lhes que não era o Messias. Depois dele viria o Outro, maior que ele, a quem não era digno de desatar-lhe as correias das sandálias. De João, dirá Jesus: dentre os filhos de mulher não surgiu ninguém maior que João, mas o mais pequeno no Reino dos Céus é maior que ele. E, se quiserdes dar crédito, ele é o Elias que devia vir. (Mt. 11,11-14). Palavra misteriosa que os ouvintes compreendiam, em parte. Se João era Elias, pensavam as multidões, o Messias estaria mesmo a chegar.

O novo Elias, eis como Jesus define João Baptista. Mas, quando esperavam que aquele menino se abrigaria no templo e continuaria múnus sacerdotal do pai, ele retira-se para o deserto. *“Voz que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas. Todo o monte e colina serão abatidos e todo o vale será elevado”*. Aproximava-se o cumprimento das promessas feitas por Deus a Abraão: *“Derrubará os poderosos*

de seus tronos e exaltará os humildes. Aos famintos encherá de bens e aos ricos despedirá de mãos vazias. Acolherá a Israel seu servo, lembrado da sua misericórdia”.

O Elias ("Yaveh é Deus" ou "Yaveh é o meu Deus"). Este nome desenha uma missão: defender o monoteísmo de Javé, o culto verdadeiro ao Deus verdadeiro. Foi a história deste homem: um combate vigoroso pela pureza e integridade da Fé, perante o sincretismo religioso reinante, pelo puro reinado de Deus sobre o seu povo, pela indefectível fidelidade à Aliança. E tornou-se o profeta emblemático a que o judeu piedoso recorria nos momentos de crise, com lugar cativo à mesa familiar, na iminência da sua vinda inesperada. É o profeta do fogo: "parecia de fogo e a sua palavra era um forno aceso". Arrebatado ao céu, em turbilhão, num *carro de fogo*, puxado por cavalos de fogo, fora esperado, no decurso das gerações, como precursor do Messias. "Enviarei o meu mensageiro que preparará o caminho à minha frente... Já vem, já aí está, disse o Deus forte... Já vem a sua luz, abrasadora como um forno. Os orgulhosos e os malvados serão queimados como restolho e a luz que há-de vir devorá-los-á com o seu fogo" (Mal 3, 1; 4, 1). Elias, homem hirsuto, vestido de pele, cingindo os rins, com um cinturão de couro (2 R 1,8), eis a figura do profeta que os outros imitarão. João (o novo Elias) usava uma veste de pelos de camelo e um cinturão de couro, em volta dos rins... Aos fariseus e saduceus que vinham ao seu baptismo declarava-lhes: "O machado já está posto à raiz das árvores e toda a árvore que não produzir bom fruto será cortada e lançada ao fogo... Aquele que vem depois de mim é mais forte do que eu: Ele baptizar-vos-á com o Espírito Santo e com o fogo. A pá está na sua mão: vai limpar a sua eira e recolher o seu trigo no celeiro: mas, quanto à palha, vai queimá-la num fogo inextinguível". **Como Elias, João Baptista é o profeta do fogo.**

¹Naqueles dias, apareceu João Batista, pregando no deserto da Judeia. ²Dizia: Fazei penitência porque está próximo o Reino dos céus. ³Este é aquele de quem falou o profeta Isaías: Uma voz clama no deserto. Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas (Is 40,3). ⁴João usava uma vestimenta de pêlos de camelo e um cinto de couro em volta dos rins. Alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre. ⁵Pessoas de Jerusalém, de toda a Judeia e de toda a circunvizinhança do Jordão vinham a ele. ⁶Confessavam seus pecados e eram baptizados nas águas do Jordão.

⁷Ao ver, porém, que muitos dos fariseus e dos saduceus vinham ao seu baptismo, disse-lhes: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da cólera vindoura? ⁸Dai, pois, frutos de verdadeira penitência. ⁹Não digais no vosso íntimo: Nós temos a Abraão por pai! Pois eu vos digo: Deus é poderoso para suscitar destas pedras filhos a Abraão. ¹⁰O machado já está posto à raiz das árvores: toda árvore que não produzir bons frutos será cortada e lançada ao fogo (Ev. S. Mateus, cap. 3).

Cerca 500 anos antes, desde que o profeta Zacarias anunciara a ruína dos impérios, perante a glória futura do povo eleito (Cfr. Za 8, 13), o povo vinha clamando: já não há prodígios, já não há profeta. Até quando... (cfr. Sl 74,9). A espera agudizava-se, sobretudo por causa da promessa: enviarei o meu mensageiro que preparará o caminho à minha frente... Já chega a sua luz, abrasadora como um forno... (Mal. 3,1). Fogo era a palavra, a senha: os orgulhosos serão queimados como restolho... devorados com o seu fogo. (Mal. 4, 1). Há muito mais tempo, anunciou-se que o fogo purificador abrasaria o profeta. É certo que foram surgindo pretensos profetas, como um tal Simão que, com a multidão que o seguia, queimou o palácio de Herodes, o Grande, mas não passava de um vulgar caudilho. Depois Atronges e outros dois com o nome de Judas, mas com a mesma intenção.

O profeta do fogo. Não será isso que o povo quer mostrar com as fogueiras de S. João?

1. O anúncio a Zacarias

A Festividade do nascimento do gloriosíssimo Precursor de Cristo, João Baptista, sempre foi tão gozosa e regozijada na Igreja de Deus. Para maior solenidade, era, outrora, costume celebrá-la com três Missas. Tal costume não era habitual em nenhuma outra festa de outro Santo.

A concepção deste glorioso Varão, o seu nascimento, vida e morte, é descrita pelos Sagrados Evangelistas. Deus, nosso Senhor, que escolhera S. João Baptista para tão grande e excelente ofício, entre outros privilégios e prerrogativas, de suma excelência que Lhe deu, foi que os próprios Historiadores da vida de Jesus, fossem também da de S. João. Entre eles, o que refere S. Lucas Evangelista, no começo do seu Evangelho, diz: Que sendo Rei de Judá Herodes Ascalonita, houve um Sacerdote, chamado Zacarias, casado com uma mulher, por nome Isabel. Eram justos e guardavam a Lei de Deus inteiramente, sem mancha ou desonra de ninguém. Não tinham filhos porque Isabel era estéril e ambos velhos, de avançada idade.

E estando um dia Zacarias a oferecer o incenso ao Senhor diante do Altar, e todo o Povo rezando fora, apareceu-lhe o Anjo de Deus do lado direito do Altar, à vista do qual, se perturbou extraordinariamente. O Anjo disse-lhe: *Não temas Zacarias, porque a tua oração foi ouvida, e Isabel tua mulher te dará à luz um filho, a que darás o nome de João e será motivo de gozo e de alegria, e muitos se jubilarão com o seu nascimento, porque será grande diante do Senhor. Não beberá vinho, nem bebida alcoólica e será cheio do Espírito Santo, desde as entranhas de sua Mãe.* Agora seria diferente... a mão de Deus o tinha assinalado, como o referiu o sacerdote Zacarias, quando recuperou a fala: e tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo (cfr. Lc 1).

Zacarias e Isabel, ambos pertencentes a famílias sacerdotais, eram um casal sem filhos, viviam uma vida não apenas honesta, mas santa. Isabel era estéril. Zacarias teve a sorte de oferecer, naquele dia, "o sacrifício perpétuo". Tudo se passaria rapidamente no templo do Senhor. Mas algo, fora do comum,

acontecera naquele momento. Zacarias viu o anjo do Senhor do lado direito do altar dos perfumes. O Senhor respondia desse modo a um desejo, porventura, há muito esquecido: a sua mulher ia conceber. Não alcançou, entretanto, o profundo sentido de gesto divino. Assim o dom de Deus (o filho da sua velhice) era acompanhado de uma pena temporária (a mudez do pai).

Cá fora, tal demora, para além do que se previa, era incompreensível e começara a ser incômoda. Quando surgiu, verificaram que tinha perdido a fala. *O que teria acontecido?* Ninguém podia identificar, salvo Isabel que experimentara uma alteração no seu corpo. Com efeito, *Isabel acabaria por ficar grávida*, caso notável para uma mulher de idade avançada. Deste modo se manifestava a promessa do regresso de Elias para preparar a chegada do Messias.

Exultará de alegria e gozo e muitos se jubilarão com o seu nascimento – diz-lhe o Anjo Gabriel (Cfr. Lc 1, 15). Ficarão cheios do Espírito Santo no seio de sua mãe e converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor. Caminhará à sua frente com *o espírito e poder de Elias*. (Cfr. Lc 1, 14-17). Assim se inicia o cumprimento das promessas de Deus ao Seu povo.

Seis meses depois, o mesmo Anjo Gabriel irá a Nazaré da Galileia, para completar com o anúncio a Maria: eis que conceberás e darás à luz um filho... A notícia de que Isabel, sua parenta, estava grávida, levou-a, com pressa e com transbordante alegria, ao seu encontro. Com Isabel, o menino que tinha no ventre saltou de alegria. Isabel exclamou: *Donde me vem que me visite a Mãe do meu Senhor?* (Cfr. Lc 1, 39-45).

Este encontro é uma das mais expressivas e vertiginosas cenas de toda a história humana: os dois seios fecundos que mudarão o mundo!

Graça foi manifestar-se que este menino havia de ser grande diante de Deus e santificado nas entranhas de sua mãe, cheio do Espírito Santo e dedicado perpetuamente ao serviço do Senhor. O que os apóstolos alcançaram, ao fim de tanto tempo, após a instrução de Cristo, de O ver subir aos céus e descer o divino Espírito, isso o alcançou S. João no ventre de sua mãe, como diz o cardeal Pedro Damiano. Graça foi que tivesse vindo Jesus Cristo, encerrado no ventre de sua puríssima mãe, visitá-lo e que, ouvindo as palavras que ela disse a Sta. Isabel, quando a saudou, saltasse de gozo, antes de haver nascido e, por meio daquela voz divina, fosse santificado e purificado do pecado original, em que tinha sido concebido.

⁴¹Ao ouvir a saudação de Maria, o menino estremeceu no seu seio e Isabel ficou cheia do Espírito Santo ⁴²e exclamou em alta voz: *Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre!* ⁴³Que honra esta que venha visitar-me a mãe do meu Senhor? ⁴⁴Pois mal soou aos meus ouvidos o eco da tua saudação, o menino estremeceu de alegria no seio. ⁴⁵Feliz daquela que acreditou no cumprimento de tudo o que lhe foi dito da parte do Senhor (Ev. S. Lucas, cap. 1).

Foi como se tivesse acelerado o uso da razão e começasse a viver mais para Deus que para o mundo, porque chegou primeiro ao céu que à terra, viu Cristo antes de ver a luz corporal. Melhor dito, no momento em que Cristo começou a viver em João, começou a viver em si. E, para vencer o mundo, venceu primeiro natureza e, com esta graça tão singular, pôde João progredir, dia a dia, e crescer na nova graça e dons do Senhor.

A Visitação é a visita que a Virgem, grávida de Cristo (*Virgo praegnans*), faz em segredo a Hebron, à sua prima mais velha, Isabel, grávida de João Baptista, o Precursor (*Johanne impregnata*), comprovando com esta gravidez *milagrosa* a verdade da mensagem do anjo Anunciador.

A fonte de este tema é uma passagem do Evangelho de Lucas (1: 39-56): «Naqueles dias saiu Maria apressadamente para os montes, a uma cidade de Judá e tendo entrado em casa de Zacarias, saudou Isabel. E sucedeu que Isabel ao ouvir a saudação de Maria, a criança deu saltos no seu ventre (*exultavit infans in utero ejus*) e Isabel, cheia do Espírito Santo (...) gritou: «*Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre*» (et *benedictus fructus ventris tui*).

Quanto tempo permaneceu Maria em casa de sua prima? As estimativas oscilam entre vários dias e vários meses (3 meses: diz a narrativa evangélica – Lc. 1, 56). De acordo com uma tradição bizantina recolhida nas *Homilias do monge Tiago*, a Virgem teria esperado até ao nascimento de João Baptista e assistido ao parto de Isabel¹. Uma das prefigurações deste acontecimento é o regresso de Judite a Betúlia com a cabeça de Holofernes. Osias a recebeu (Jdt 8, 9 ss), como Isabel acolheu a Virgem vitoriosa de Satã. Os teólogos viram uma prefiguração da Visitação neste versículo dos Salmos (85/84: 11): «*Encontraram-se a piedade e a fidelidade, beijaram-se a justiça e a paz*». Segundo Bossuet, a Virgem e Isabel são o símbolo da *Igreja e da Sinagoga* que, a partir de agora, se dão as mãos.

Culto

A festa da Visitação, que, logicamente, deveria estar mais próxima da Anunciação, fixada em 25 de Março, foi traladada para 2 de Julho². Foi instituída no século XV com a intenção de obter o fim do grande Cisma do Ocidente (1378 a 1417), no Concílio de Constança. Na Idade Média, *os serradores de madeira* celebravam a Visitação porque a atitude da Virgem e de Isabel, inclinadas uma para a outra, evocavam o gesto dos lenhadores, inclinando-se, simetricamente, para serrar o tronco de uma árvore. No século XVII, em 1610, S. Francisco de Sales, assistido pela

¹ Segundo uma tradição popular difundida em Itália, a sua visita teria durado três meses. Por isso em Itália, quando uma visita se prolonga, diz-se que se trata de uma *visita de santa Isabel*.

² Agora, esta Festa encerra o mês de Maria, em 31 de Maio.

bem-aventurada Joana de Chantal, instituiu, em Annecy, a ordem das religiosas da Visitação, chamadas também *salesianas (ou salesas)*.

Iconografia

A relativa esterilidade iconográfica do tema da Visitação explica-se em primeiro lugar por razões teológicas: do ponto de vista da Redenção (*Der Ratschluss der Erlösung*), a Visita da Virgem grávida à sua prima não é mais que um episódio secundário que não se poderia comparar com a Anunciação, prelúdio da Encarnação, e, conseqüentemente, da Salvação. Não obstante, as Revelações de Santa Mechthild de Magdeburgo, no século XV, popularizaram esta cena interpretada como a primeira estação terrena do Redentor «fruto das entranhas da Virgem». Mas também importa ter em conta razões de ordem estética.

Analogias e diferenças com o tema da Anunciação

A Visitação como a Anunciação são, essencialmente, uma cena de duas personagens. Entretanto, o tema da Visitação, menos rico em oportunidades que o da Anunciação, distingue-se por três aspectos muito claros³. Na primeira, as personagens são *da mesma natureza* em vez de pertencer a duas esferas diferentes. Maria e Isabel são duas criaturas humanas que partilham os mesmos sentimentos. A segunda, a Anunciação, relaciona dois seres não semelhantes por sua essência, um dos quais tem um papel activo e o outro passivo. Na primeira, em vez de estar separadas, mais ou menos distantes, as duas mulheres se apertam com as mãos, se tocam ou se abraçam. O princípio de unidade e simetria predomina sobre o da dualidade e dissimetria, inerente à Anunciação. Finalmente, o espaço, em vez de estar repartido, entre um interior e um exterior, tem o mesmo carácter de unidade: a cena se situa ao *ar livre*, á frente da casa de Isabel (frequentemente) que sai ao encontro de Maria e não no seu interior. Por isso, há menos oposições e contrastes, conseqüentemente, menor dinamismo que na cena precedente. A gama dos matizes psicológicos é muito mais restringida, visto que os únicos sentimentos susceptíveis de expressão são a alegria maternal e o agradecimento a Deus. Contudo, há que agregar que a diferença de idades entre as primas atrai um elemento de variedade de que os artistas souberam tirar um bom partido⁴. Poderiam assinalar-se analogias ainda mais estreitas com o encontro de Ana e Joaquim na Porta Dourada, visto que nos dois casos aparece o tema do *Abraço*.

Os cinco episódios

Nos ciclos narrativos, o episódio da Visitação está dividido em cinco quadros que comportam numerosas cenas: a *Viagem*, o *Encontro*, o *Canto do Magnificat*, o *Nascimento de S. João Baptista*, o *Regresso e as Incertezas* de José.

Esta iminência tão próxima e soberana declara o nome de João, trazido do céu e revelado a Zacarias, por ele expresso, no dia em que foi circuncidado, dizendo: *Johannes est nomen ejus (João é o seu nome)*, e *não sou eu que o determino, mas Deus que quis que assim se chamasse*. Porque o nome João quer dizer: *Aquele em quem reside a graça*.

2. O nascimento de João

O processo inicia-se com a *dúvida de Zacarias* e a pergunta que fez ao Anjo (Gabriel), a resposta que este lhe deu e como ficou mudo, para castigo da sua culpa e admiração e espanto do Povo. Terminado o tempo do seu ministério, Zacarias regressou a casa e *Isabel concebeu a S. João*, seis meses antes da Encarnação do Filho de Deus, e deu-o à luz no ano seguinte.

⁵Houve nos dias de Herodes, rei da Judeia, um sacerdote chamado Zacarias, da turma de Abias; e sua mulher, descendente de Arão, chamava-se Isabel. ⁶Ambos eram justos diante de Deus, irrepreensíveis em todos os mandamentos e preceitos do Senhor. ⁷Mas não tinham filhos, porque Isabel era estéril, e ambos avançados em idade. ⁸Ora, estando Zacarias a exercer as funções sacerdotais diante Deus, na ordem da sua turma, ⁹segundo o costume sacerdotal, coube-lhe por sorte entrar no santuário do Senhor, para oferecer o incenso, ¹⁰enquanto toda a multidão do povo orava da parte de fora. ¹¹Apareceu-lhe, então, o anjo do Senhor, de pé à direita do altar do incenso ¹²e Zacarias, ao vê-lo, ficou perturbado, e cheio de temor. ¹³Mas o anjo disse-lhe: Não temas, Zacarias, porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, te dará à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de João. ¹⁴Alegrar-te-ás e regozijar-te-ás e muitos se hão-de alegrar com o seu nascimento, ¹⁵porque ele será grande diante do Senhor. Não beberá vinho, nem bebida forte; e será cheio do Espírito Santo, desde o ventre de sua mãe, ¹⁶converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus; ¹⁷irá adiante dele com espírito e o poder de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos, a fim de preparar para o Senhor um povo bem-disposto. ¹⁸Disse então Zacarias ao anjo: Como terei certeza disso? Eu sou velho, e minha mulher também de idade avançada. ¹⁹O anjo respondeu-lhe: Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado para te falar e te dar estas boas novas. ²⁰Ficarás mudo, não podendo falar até ao dia em que isto acontecer; porque não acreditaste nas minhas palavras, que, a seu tempo, se hão-de cumprir. ²¹O povo estava à espera de Zacarias, e admirava-se da sua demora. ²²Quando saiu, porém, não lhes podia falar, e perceberam que tivera uma visão. Falava-lhes por sinais, mas permanecia mudo. ²³E, terminados os dias do seu ministério, voltou para casa. ²⁴Depois desses dias Isabel, sua mulher,

³ É muito difícil que estas duas cenas apareçam agrupadas simetricamente numa mesma composição. Além disso, a pintura de Siena do século XVI oferece um exemplo. Trata-se de um quadro de Girolamo de Pacchia, de 1518 que pertence à Pinacoteca de Siena.

⁴ Por exemplo Bourdichon, na sua miniatura das *Horas de Ana de Bretanha*.

concebeu, e durante cinco meses se ocultou, dizendo: ²⁵Assim me fez o Senhor nos dias em que reparou em mim, a fim de acabar com o meu opróbrio diante dos homens. (Ev. S. Lucas, Cap. 1)

Os vizinhos partilhavam a alegria de Isabel, porque o Senhor lhe manifestara tão grande misericórdia. Mas quando o pai Zacarias começou a falar, todos se encheram de temor e interrogavam-se intimamente: *“Quem virá a ser este menino?”*. *“E tu menino – dirá o Espírito Santo, pela boca de Zacarias – serás profeta do Altíssimo, pois irás à sua frente a preparar os seus caminhos”*. Esta vocação é assombrosa. Não lhe chamam Zacarias. A mãe intervém. E, logo que o pai confirmou o nome de João, começou a bendizer a Deus. Tudo tão fora de comum, para que se pudesse perceber que Deus começara a agir? Porque não se chamou Zacarias, mas João (o dom de Deus)?! Porque foi para o deserto, em vez de fazer a sua formação no templo, seguindo a carreira sacerdotal? Interrogavam-se e toda a vizinhança e se enchia de temor!

⁵⁷Ora, completou-se para Isabel o tempo de dar à luz, e teve um filho. ⁵⁸Ouviram seus vizinhos e parentes que o Senhor a acumulara de misericórdia, e se alegravam com ela. ⁵⁹Sucedeu, pois, no oitavo dia, que vieram circuncidar o menino; e queriam dar-lhe o nome de seu pai, Zacarias. ⁶⁰Sua mãe respondeu: Não. Chamar-se-á João. ⁶¹Mas disseram-lhe: Não há ninguém, na tua parentela que se chame assim. ⁶²E perguntaram por acenos ao pai como queria que se chamasse. ⁶³Pedindo uma tabuinha, escreveu: Seu nome é João. E todos se admiraram. ⁶⁴Imediatamente a boca se lhe abriu, e a língua se lhe soltou, louvando a Deus. ⁶⁵Então, apoderou-se um temor de todos os vizinhos e, em toda a região montanhosa da Judeia comentavam-se estes factos. ⁶⁶E todos os que souberam gravavam estes acontecimentos no coração e exclamavam: Quem virá a ser este menino? Pois a mão do Senhor estava com ele (Ev. S. Lucas, cap. 1)

E, deste modo, consideramos que, em João, tudo está cheio e encerrado pela graça divina que, como filho da graça, dela participa mais que da natureza. Porque a graça singular foi nascer de pais velhos e da mãe que, por ser estéril segundo a natureza, não podia ter filhos. Graça foi que o mesmo anjo Gabriel que anunciou à Virgem santíssima o bem-aventurado parto do Verbo eterno, revelasse a Zacarias o nascimento de João e o tivesse revelado no templo quando incensava o altar, oferecendo as orações e os anseios de todo o povo ao Senhor.

E se a Rainha do céu, nossa Senhora, se encontrou (como o dizem alguns insignes doutores) no parto de Sta. Isabel, também foi graça nova que ele saísse das entranhas da sua mãe, nas mãos da mãe de Deus e fosse lavado e enfaixado por aquela Senhora que era cheia de graça e trazia, no seu sacratíssimo ventre, o tesouro e fonte de todas as graças, das quais tão grande parte haveria de pertencer a S. João. Graça, ao mesmo tempo, gozo e alegria, que suscitou o seu nascimento nos corações da gente que, maravilhada com os prodígios divinos que dele ouviam, diziam: *Qui putas puer iste erit? (Quem pensais que virá a ser este menino, tão milagroso e favorecido pelo Senhor?)*.

⁶⁷Zacarias ficou cheio do Espírito Santo e profetizou: ⁶⁸Bendito, seja o Senhor Deus de Israel, porque visitou e resgatou o seu povo, ⁶⁹e para nós fez surgir a salvação poderosa na casa de David, seu servo. ⁷⁰Como outrora tinha anunciado pela boca dos seus santos profetas, ⁷¹que nos libertaria dos nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam, ⁷²para exercer a misericórdia para com nossos pais, lembrando-se da sua santa aliança ⁷³e do juramento que fez a Abraão, nosso pai, ⁷⁴de nos conceder que, libertados da mão dos nossos inimigos, O servíssemos, sem temor, ⁷⁵em santidade e justiça, todos os dias da nossa vida. ⁷⁶E tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo, porque irás adiante do Senhor, a preparar-lhe os caminhos, ⁷⁷dando ao seu povo o conhecimento da salvação, pela remissão dos seus pecados. ⁷⁸Graças à entranhável misericórdia do nosso Deus, pela qual nos visita o Astro das alturas, ⁷⁹para alumiar aos que jazem nas trevas e na sombra da morte, e dirigir os nossos passos no caminho da paz. ⁸⁰Ora, o menino crescia, e robustecia-se em espírito; e habitava nos desertos até o dia da sua manifestação a Israel (Ev. S. Lucas, cap. 1).

Como não conhecemos as coisas, não avaliamos o seu justo peso. Embora o entendimento as veja, algumas vezes, a paixão cega. Por isso, trocando os nomes, chamamos pobre ao rico, sábio ao néscio, prudente ao astuto, e forte ao atrevido, louvando o que deveríamos vituperar e vituperando, o que deveríamos louvar. Por isso, disse S. Paulo: *merece ser louvado quem é louvado por Deus e não pelos homens* (Ro 2). E, noutro lugar: *Digno de louvor não é o que se louva a si, mas é louvado por Deus* (2 Co 10). E assim são de verdade bem-aventurados e grandes, quando o são no acatamento de Deus e só esses dignos de ser louvados pelos homens, pois que são louvados por Deus e tanto maior deve ser o nosso enaltecimento quanto maior é o que Deus lhes dá.

Porque Deus é, como diz Sto. Agostinho, a verdadeira exaltação dos seus santos e a medida e a regra de tudo o que se deve louvar. Foi louvado por Deus, no Antigo Testamento, Noé (Num 12), quando lhe disse: *entre todos os homens só em ti encontrei um justo a meus olhos*. Louvou Moisés chamando-lhe *servo fidelíssimo*. Louvou David, dizendo que era *um varão conforme ao seu coração*. Louvou Job como homem sincero, recto e temente a Deus, como não haveria outro na terra. E outros se encontraram na Antiga Lei que, por grande virtude, mereceram ser louvados pelo Senhor. E, no Sagrado Evangelho, há muitos que foram engrandecidos pela boca do Verbo eterno. Do *centurião*, disse que não tinha encontrado tanta fé em Israel. Da *Cananea*, vencido pelos seus rogos e humilde perseverança, disse: *Oh! Mulher, é grande a tua fé*. De Natanael deu o testemunho de que era *um verdadeiro israelita*, no qual não havia duplicidade e embuste. Do apóstolo S. Paulo disse que era *vaso de eleição* para levar ao mundo o seu santo nome e anunciá-lo aos gentios e reis e aos filhos de Israel. E o Príncipe dos apóstolos S. Pedro, após ter conhecido por revelação do Pai eterno e confessado Jesus Cristo como seu Filho, mereceu ouvir do Senhor: *Bem-aventurado és Simão, filho de Jonas, porque aprendestes não na escola da carne e do sangue, mas na do meu eterno Pai*. Singulares, admiráveis e divinas são as glorificações destes santos que referimos, porque o Autor delas é a suma e primeira verdade que não pode enganar, nem ser enganada.

Mas, sem comparação, são maiores as glorificações que o Senhor deu ao seu Servo, o Juiz ao seu Pregoeiro, o Esposo ao seu Protegido (o amigo do esposo), o Sol ao Luzeiro da manhã, a Luz do Mundo à Tocha acesa, o Rei do Céu ao seu Preponente, o Verbo eterno à sua Voz e, finalmente, Jesus Cristo a João Baptista, quando dele disse: *entre os nascidos de mulheres não há nenhum maior que João Baptista* (Mt 11). E, estas palavras foram comentadas por Sto. Ambrósio: *Está mais avançado que todos, acima dos Profetas, ultrapassa os Patriarcas e quem nasceu de mulher é menor que João*.

4. João, o Precursor

Não foi menor graça, tê-lo Deus escolhido para um ofício tão alto, como de Precursor de Cristo. Pois que, o bem do mundo consistia em conhecer e servir Jesus Cristo. E, para tanto havendo Deus, muitas vezes, prometido anteriormente aos Patriarcas e anunciado pelos Profetas e prefigurado com tantos sinais e determinado o lugar e o tempo em que havia de nascer, foi necessário que houvesse um homem mais divino que humano e conhecido como tal, que o pudesse mostrar com o dedo: “É este”, para que os homens desse tempo não se pudessem escusar, nem pudessem errar, em coisa que tanto importava à sua salvação. Porque embora, de modo geral, a vinda do Messias estivesse profetizada, contudo, nem todas as circunstâncias eram tão distintas e declaradas nas divinas letras, que a gente comum as pudesse por si entender, sem ter necessidade de quem as desenvolvesse e explicasse mais em particular. Especialmente estando, como estava, enganada, pensando que o Messias havia de vir com grande aparato, poder e majestade temporal, para os livrar da escravidão, calamidades e misérias do corpo, sem contar as da alma que eram maiores e para chorar mais.

Os evangelhos são parcimoniosos, mas deixam-nos esta indicação preciosa: “viveu no deserto até ao dia em que se apresentou a Israel” (cf. Lc 1, 80). Que quererá isto dizer? As descobertas (Mar morto) mostram que, então, nessa região, fervilhava vida religiosa. A maioria dos investigadores inclina-se para o facto de João ter sido membro de uma comunidade religiosa, em Qumram. Esta hipótese tem muitos aspectos a seu favor: a pregação e a morte de João (no palácio-castelo de Maqueronte) a escassos quilómetros de Qumram. Além disso, apesar de não haver qualquer registo da estadia de João com os monges, essa comunidade de essênios renunciava ao matrimónio, adoptava filhos alheios de tenra idade para fazerem parte da sua família espiritual e educavam-nos, segundo os seus costumes (Flávio Josefo). A dieta alimentar destes religiosos é, em parte, semelhante: mel, peixe e gafanhotos. Quanto à bebida, João seguiu maior rigor (excluindo o vinho).

Para que S. João realizasse este ofício de Precursor e endireitasse e aclarasse o caminho do Senhor e desse testemunho da luz e da verdade, sendo menino e de tenra idade, de pais nobres e ricos, saiu da sua casa e entrou num áspero deserto, vivendo só e em companhia de feras, vestindo os seus delicados membros com uma cinta de peles, comendo o mel silvestre e amargo do campo e insectos agrestes e objectos, dormindo na terra e afligindo-se com penitências naquele santo corpinho que não merecia tão extremado rigor como se fosse culpado.

Esta penitência tão rigorosa de S. João no-la descreve o sagrado Evangelho e é justa. Nicéforo Calixto e Cedreno, autores gregos, escrevem que na perseguição de Herodes, quando procurava as crianças para matá-las, Sta. Isabel fugiu para as montanhas mais escondidas com o seu filho S. João, de um ano e meio, e ali, numa cova (na qual, como diz Beda, se edificou uma igreja), viveu a mãe quarenta dias, deixando o bendito filho nas mãos de Deus, para que o guardasse. E que o Senhor lhe enviou um anjo para que o criasse, como enviou a Ismael, filho de Abraão, outro anjo quando a sua mãe Agar o deixou debaixo de uma árvore e se afastou para longe dele para não vê-lo morrer. Isto é dito por estes autores e, refere-o o Cardeal Barónio e o padre doutor Francisco Soares, varões tão diligentes e doutos.

¹⁶Então Herodes, vendo que fora iludido pelos magos, irou-se grandemente e mandou matar todos os meninos de dois anos para baixo que havia em Belém e em todos os seus arredores, segundo o tempo que, com precisão, inquirira dos magos. ¹⁷Cumpriu-se então o que fora dito pelo profeta Jeremias: ¹⁸Em Ramá se ouviu uma voz, lamentação e grande pranto: Raquel chorando os seus filhos, e não querendo ser consolada, porque já não existem (Ev. S. Mateus, cap. 2)

E também Crisóstomo e S. Pedro Mártir, bispo de Alexandria, acrescentam que a morte de Zacarias foi por ter escondido o seu filho e não ter querido revelar o seu segredo.

Porém, de qualquer modo que tenha acontecido, no que concordam os santos doutores é que em S. João, de muito tenra idade, fez penitência no deserto e foi o primeiro que abriu o caminho aos anacoretas e solitários e, por isso, S. Gregório Nazianzeno lhe chama, com ardor, Ermitão e S. Jerónimo, S. João Crisóstomo e S. Bernardo, *Capitão, Mestre e Guia* dos monges, porque foi o modelo acabado de todos eles e perseverou nesta aspereza de vida, até que o Senhor o mandou sair para pregar e exercer o ofício de Precursor, para o qual o escolhera.

5. João, o Profeta

Este menino que clamava em Betabara, era João (Yohohanán, em hebraico que quer dizer “Javé foi favorável”). Mas não era já o menino que brincava com o menino Jesus, seu parente, mas um adulto com

uns 30 anos. Não o lourinho de faces rosadas de *Corregio* ou o adolescente de caracóis de *Donatello*, antes o grandioso e hirsuto profeta que aponta, acusador, os pecados do mundo de *Matias Grünewald*. Ou como descreve *Papini*: Solitário, sem casa, sem tenda, sem criados, sem nada, excepto o que levava sobre o corpo: pele de camelo, cinturão de cabedal, austero e ossudo. Figura impressionante que *atemorizava e atraía*, ao mesmo tempo, e, de repente, se tornava a esperança de um povo desesperado: *o fogo que anunciava a Luz que estava para chegar*.

E, como Cristo nosso Senhor e Redentor vinha, principalmente, para livrar o homem do miserável cativo e tirania de Satanás, e se apresentasse pobre, humilde e desconhecido, era conveniente que houvesse uma pessoa de tanta autoridade e estima que, com a luz do Espírito Santo, o conhecesse e iluminasse, com o seu testemunho, os outros, para que não se ofuscassem com aquela exterior inferioridade e humildade de Cristo. E, nem deixassem de conhecer, quem tinham diante dos olhos ou receber e obedecer àquele Senhor que, sendo o rei da glória, igual ao Pai, tinha tomado aquela humilde figura, para mais os cativar com esta demonstração da sua incompreensível bondade. Para além disso, fora necessário que viesse S. João a fim de preparar o caminho ao Senhor e dispor os corações dos homens para recebê-lo. E, porque estavam tão entregues e cheios de espinhos, abrolhos e abatimento de vícios e pecados, convinha primeiro arrancá-los e lavar, para cultivar, aquela terra e nela poder semear a semente vinda do céu, de forma a abrasá-la para que desse fruto. Não poderia o mundo, envolto em trevas tão horríveis, sofrer, de golpe, aquela luz soberana do Sol de Justiça, sem cegar e, por isso, sem primeiro se acomodar, pouco a pouco, ao archote aceso de S. João que lhe vinha manifestar: *Ille erat lucerna lucens et ardens*. E isto é o que refere o sagrado evangelista S. João, ao dizer que ele veio para dar testemunho da luz, a fim de que todos acreditassem por ele.

Para que todo o povo visse as maravilhas e prodígios do seu nascimento, a aspereza tão estranha com que havia vivido no deserto, o novo traje e hábito com que vinha, o espírito com que pregava a penitência e baptizava, entendesse que aquele varão trazia o espírito e o selo de Deus e que lhe deviam dar crédito e obedecer-lhe como seu ministro.

¹⁵Ora, estando o povo em expectativa e pensando em seus corações a respeito de João, se porventura seria ele o Cristo, ¹⁶respondeu João a todos, dizendo: Eu, na verdade, vos baptizo em água, mas vem aquele que é mais poderoso do que eu, de quem não sou digno de desatar a correia das alparcas; ele vos baptizará no Espírito Santo e em fogo. ¹⁷A sua pá ele a tem na mão para limpar bem a sua eira, e recolher o trigo ao seu celeiro; mas queimará a palha em fogo inextinguível. ¹⁸ Assim pois, com muitas outras exortações ainda, anunciava o evangelho ao povo (Ev. S. Lucas, cap. 3)

S. João foi o primeiro que, como homem vindo do céu, pregou o Reino dos céus e a penitência que a eles nos conduz. E isto foi de tanto peso que foi um contínuo e perpétuo milagre. Sem que outro milagre fizesse, não só o tiveram os judeus por homem santo, mas pelo próprio Messias que esperavam. E, era tão grande a sua reputação que lhe enviaram uma solene embaixada a perguntar-lhe se era o Messias, estando dispostos a crer nele e tê-lo-iam por tal, se o confessasse e dissesse que sim. Mas foi tão humilde e manteve-se tanto em si que não se deixou cegar, nem levar pela popularidade, antes confessou e protestou que não era Cristo, nem aquele profeta que eles pensavam, mas só a voz de Cristo que se fazia ouvir pela sua boca, pregando-lhes que preparassem o caminho do Senhor, como outrora Isaías tinha profetizado.

²⁴E, tendo-se retirado os mensageiros de João, Jesus começou a dizer às multidões a respeito de João: Que fostes ver ao deserto? Uma cana agitada pelo vento? ²⁵Então que fostes ver? Um homem trajado com vestes luxuosas? Mas, os que trajam roupas preciosas e vivem em delícias estão nos paços dos reis. ²⁶Que fostes ver? Um profeta? Sim, digo-vos, muito mais que profeta. ²⁷Este é aquele de quem está escrito: Eis que envio à tua frente o meu mensageiro, que há-de preparar diante de ti o teu caminho. ²⁸Pois vos digo que, entre os nascidos de mulher, não há nenhum maior que João; mas o que é o menor no reino de Deus é maior que ele. (Ev. S. Lucas, cap. 7)

Voz que era de Cristo, diz João, o teólogo. Não era o Verbo que foi no princípio, é e será. Mas voz e embaixador deste Verbo, para o manifestar e dá-lo a conhecer ao mundo.

Houve um homem enviado por Deus. Seu nome era João. Como testemunha, veio para dar testemunho da Luz, a fim de que todos cressem por meio dele. Não era a Luz, mas veio para dar testemunho da Luz. Dá testemunho e clama: O que vem depois de mim passou à minha frente, porque existia antes de mim (Jo 1, 6-8. 15).

Porque, como o nosso verbo interior é o conceito que forma o nosso entendimento e a voz é o que o declara, assim Cristo nosso Redentor é o Verbo, um simplíssimo e perfeíssimo conceito do seu Pai eterno, a verdadeira imagem, forma e figura da sua substância, resplendor da sua glória e espelho substancial, em que estão e se representam todas as perfeições, João é a voz que deriva de Cristo, como da sua fonte, para o anunciar e testemunhar que era o Cordeiro sem mancha que vinha tirar os pecados do mundo. A voz foi instituída para significar o Verbo, João para manifestar Cristo. O Verbo está encerrado e encoberto, antes de a voz se abrir e manifestar. E Cristo estava sem ser conhecido no seio do Pai, até que veio esta voz divina e se manifestou aos judeus.

A voz forma-se para explicar o Verbo e é posterior a Ele. E João foi depois d'Ele, porque Cristo, como Verbo do Pai, existe *ab aeterno* (desde toda a eternidade). E João, como voz, foi feito no tempo. E, por isso,

disse: Depois de mim virá quem foi antes de mim. Finalmente, foi voz. Porque, ouvindo a voz de alguém dizemos: é ele, está aqui. E, pela voz própria, conhecemos a pessoa. Como a criada de Maria, mãe de João Marcos, conheceu S. Pedro pela sua voz, quando o anjo o libertou do cárcere e das mãos de Herodes, assim ouvindo João que é a voz de Cristo logo se compreendia que Cristo tinha chegado. Os outros profetas diziam: Virá, virá. Mas João disse: Já veio. E apontando com o dedo, acrescentou: *Eis o Cordeiro de Deus! Eis o que tira o pecado do mundo*. E, por isto, João não é só profeta, mas mais que profeta.

Profeta o tinha chamado o próprio pai, ao dizer: *Será chamado Profeta do Altíssimo*. E o Salvador referindo-se a ele, disse: *não só é Profeta, mas mais que Profeta*. Porque os profetas tinham por ofício avisar e declarar ao povo que o Messias havia de vir. E João teve de o mostrar e testemunhar que já tinha vindo. Foi mais que profeta porque os outros profetas profetizaram dele. E ele fez profeta a sua mãe, antes de nascer e depois de nascido. E também a seu pai que ficando mudo, por não ter acreditado no anjo, lhe devolveu a fala. Porque não convinha que vindo à luz a voz e, ouvindo-a outros, ficasse mudo o pai dela (da voz).

6. João, o Baptista

¹No décimo quinto ano do reinado de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judeia, Herodes tetrarca da Galileia, seu irmão Filipe tetrarca da região da Itureia e de Traconites, e Lisânias tetrarca de Abilene, ²sendo Anás e Caifás sumosacerdotes, veio a palavra de Deus a João, filho de Zacarias, no deserto. ³Ele percorreu toda a circunvizinhança do Jordão, pregando o baptismo de arrependimento para remissão de pecados; ⁴como está escrito no livro do profeta Isaías: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; endireitai as suas veredas. ⁵Todo vale se encherá, e se abaterá todo monte e outeiro; o que é tortuoso se endireitará, e os caminhos acidentados se aplanarão; ⁶e toda a carne verá a salvação de Deus. ⁷João dizia, pois, às multidões que vinham a ele para serem baptizadas: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira vindoura? ⁸Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento; e não comeceis a dizer dentro de vós: Temos por pai a Abrão; porque eu vos digo que até destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão. ⁹O machado já está posto à raiz das árvores; toda árvore que não produz bom fruto, é cortada e lançada no fogo.

¹⁰As multidões perguntavam: Que faremos, então? ¹¹Respondia-lhes: Aquele que tem duas túnicas, reparta com quem não tem nenhuma, e aquele que tem alimentos, faça o mesmo. ¹²Chegaram também uns publicanos para serem baptizados, e perguntaram-lhe: Mestre, que havemos nós de fazer? ¹³Respondeu-lhes: Não cobreis para além do que foi estipulado. ¹⁴Interrogaram-no também uns soldados: E nós, que faremos? Disse-lhes: Não roubeis coisa alguma a ninguém; nem apresenteis denúncia falsa e contentai-vos com o vosso soldo (Ev. S. Lucas, cap. 3)

Que dizes de ti mesmo? ²³Ele respondeu: Eu sou a voz que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías (40,3). ²⁴Alguns dos emissários eram fariseus. ²⁵Continuaram a perguntar-lhe: Porque baptizas, se não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta? ²⁶João respondeu: Eu baptizo com água, mas no meio de vós está quem vós não conheceis. ²⁷Esse é quem vem depois de mim; e eu não sou digno de lhe desatar a correia do calçado. ²⁸Este diálogo se passou em Betânia, além do Jordão, onde João estava a baptizar (Ev. Jo, cap I).

Foi mais que profeta porque foi o remate e fim de todos os profetas desde o antigo Testamento e princípio do novo. Por isso, Cristo, nosso Senhor, disse que a Lei e os Profetas terminavam em João. Mais que profeta. Porque não só viu e conversou como amigo, com aquele que os profetas desejaram ver e reverenciar, mas porque mereceu baptizá-lo com suas mãos e ver o Espírito Santo, em figura de pomba, sobre o Senhor e ouvir a voz do Pai eterno que testemunhava que aquele era o Filho amantíssimo. Foi mais que profeta, porque foi Anjo. E Anjo é chamado, pela boca do profeta Malaquias e foi confirmado por Cristo, nosso Redentor, tomando a citação do profeta. Não porque não fosse homem na sua natureza, mas porque teve ofício e vida de Anjo e se pode comparar com os mais altos Querubins e Serafins. Anjos se chamam aqueles bem-aventurados espíritos, porque são nuncios do Senhor e seus ministros e intérpretes da sua vontade. Porque anjo em grego quer dizer mensageiro e como João foi embaixador do Senhor, com razão deve ter nome de anjo.

Teve missão e, muito mais, por ter tido a pureza de anjo, sendo na terra, com carne fraca, mais perfeito e santo que muitos anjos insignes que, por sua natureza, estão no céu. Porque com que língua de anjo poderá explicar-se aquela perfeição de virtudes e mar de santidade e abismo de perfeição que João teve, a partir do momento em que foi santificado nas entranhas de sua mãe santa Isabel até que entregou a cabeça pela justiça e pela defesa da castidade?

Esteve entretido no deserto com pensamentos divinos, prazeres de glória, favores do céu! Que affectos dos Anjos, esplendores, fulgores e ardores de caridade abrasavam aquele peito sagrado e o faziam sair de si e viver, não onde estava, mas onde amava e encontrava todo o seu bem! Porque se, de alguns santos lemos que, por grande força do seu espírito e singular favor do Senhor, foram alçados, arrebatados e absortos de tal modo que se esqueciam da fraqueza da carne e de todos os prazeres e necessidades desta vida que, seus olhos vendo, não viam e seus ouvidos ouvindo, não ouviam e, comendo, não comiam! Que devemos pensar de João Baptista que em tão delicada idade

deixou tanto mais que eles e foi habitar nos desertos para não viver para si, mas para Deus e ser digno embaixador da sua Glória e testemunha da maior condição do seu Unigénito e bendito Filho?

Por isso dizem Sto. Ambrósio e S. Crisóstomo e outros santos doutores que teve por mestre o Espírito Santo que o iluminou nos mistérios divinos, não como homem, mas como Anjo. Assim recebeu o dom de explicar as divinas Escrituras, para escrever e falar como Escritor canónico. Teve o dom da Fé, da Ciência e de toda a Sabedoria necessária a um Pregador e Doutor tão grande, como era e que vinha para que todos os homens cressem por seu intermédio.

Os outros apóstolos converteram, cada um, uma província, outro, outra, S. Paulo, pregador dos gentios converteu muitas. Mas S. João Baptista, como diz o Evangelho, foi enviado para que todos acreditassem por ele. E, por isso, S. Jerónimo e outros santos lhe chamam apóstolo, não em dignidade e poder apostólico, mas em ofício e ministério. Porque apóstolo quer dizer enviado e João, o foi por Deus, não a um reino ou nação e província, mas a todo o mundo. Finalmente, teve o altíssimo e perfeíssimo grau de todas as grandezas e excelências, tanto para a vida activa, como contemplativa, em que se exercitou para os ministérios de Precursor e Baptista que Deus lhe encarregara e eram ofício seu. E, assim dizem os santos que as suas virtudes não têm fim.

Todos estavam à espera... não será ele o Messias? (Cfr. Lc 3,15). Por isso, sacerdotes e levitas foram enviados de Jerusalém para se certificarem: quem és tu? (Cfr. Jo 1, 19) És o Messias? Não. És Elias? Não sou. És o Profeta? Não. Quem és então? Retomando a sentença de Isaías, exclama adrede: Sou a voz que clama no deserto. Então porque baptizas? Eu baptizo com água, mas no meio de vós está alguém que não conheceis... (Cfr. Jo 1, 20-28; Mt 3, 11; Lc 3, 16). Em Nazaré, entretanto, um carpinteiro desconhecido apertava as sandálias com as mãos para ir para o deserto, onde troava a voz que por três vezes tinha dito que não (Papini).

A notícia teria chegado a Nazaré. Jesus era, certamente, homem feito, andaria pelos 30 anos. Pôs-se a caminho, deixando o ofício e a mãe. Os seus e os da sua terra tê-lo-ão desaconselhado. Mas, chegara a hora. Chegara o sinal de Quem o ordenava: Pai, venho para fazer a Tua vontade (He 10, 6). O mistério adensava-se: após o nascimento num estábulo, agora o baptismo no Jordão, engrossando a fila dos pecadores, em absoluta convivência que o levará ao baptismo do Calvário, tomando sobre Si os pecados do mundo. “Ao descer às águas do Jordão entrou na nossa vida... E que tomou Ele da água do Jordão...? Os pecados que os outros lá deixaram” (Lanza del Vasto)

Como foi este encontro? Não se conheciam? A pintura ocidental induz-nos a pensar que sim, reproduzindo cenas ternas de gozo e alegria vividas pelos dois em ambiente familiar. Mas isso não passaria, talvez, de apologia à vida familiar.

Eu não o conhecia, testemunha João. Quem que me fez baptizar na água é que me disse: Aquele, sobre quem vires descer o Espírito, baptiza no Espírito Santo (Jo 1, 33). Eis o momento marcante do início da missão messiânica de Jesus e, conseqüentemente, do fim da missão do precursor (da testemunha da Luz) que se apagará gradualmente para que brilhe apenas a Luz.

Relativamente ao baptismo, João tornou-se um caso, à parte. Apesar de, certa forma de baptismo, ser praticada quer pelo povo judeu e quer pela comunidade essénia, o baptismo de João era essencialmente diferente: exigia a confissão dos pecados e a penitência (= conversão) e era um rito irrepitível, anúncio de outro baptismo que estava a chegar (o baptismo no Espírito Santo e no fogo). Todos conheciam João como o Baptista. Mas há outras particularidades: o baptismo de João estava aberto a todos os judeus e mesmo aos que não eram judeus, tendo em vista a entrada no Reino de Deus. O universalismo da mensagem de João contrasta com o da comunidade religiosa de Qumram: João não convida a fugir para a solidão, mas a transformar o mundo.

S. Pedro Crisólogo chama-lhe: Escola de virtudes, Mestre da Vida, Modelo de Santidade, Regra de Justiça, Espelho da Virgindade, Atestado da Honestidade, Exemplo de Castidade, Pregador da Penitência, Doutor da Fé, Mais que homem e igual aos Anjos, Suma da Lei, Sementeira do Evangelho, Voz dos Apóstolos, Silêncio dos Profetas, Luzeiro do Mundo, Provector Juiz, Preponente de Cristo, Testemunha do Senhor, Sacário da Santíssima Trindade.

Sto. Agostinho, S. Bernardo e outros santos chamam-lhe: Trombeta do Céu, Pregoeiro de Cristo, Secretário do Pai, Precursor do Filho, Porta-estandarte do Rei Soberano, Pregador da Penitência, Censor dos Judeus, Consolo dos seus pais, Honra da sua linhagem, Exemplo do mundo, Desterro da morte, Porta da Vida, Ornamento dos homens, Esplendor da comunicação, Norma e regra da Justiça, Alegria dos Anjos, Homem excelentíssimo, Parente de Cristo, Amigo do Esposo, Adorno e asseio da Esposa.

E o mesmo S. Bernardo lhe chama Patriarca, Cabeça e Fim dos Patriarcas, Profeta e mais que profeta, Anjo, entre os anjos, Escolhido, Virgem e Esposo de límpida virgindade, Mártir e Luminar dos mártires. Que entre a Natividade e Morte de Cristo, nos deixou exemplo de constantíssimo martírio.

Destino misterioso, o de João Baptista, o amigo do Esposo! O primeiro a conhecer Jesus, não O seguiu! Apontou Jesus e alguns dos seus discípulos seguiram-no. Convidou outros a segui-lo, mas ele preferiu continuar o seu caminho. É, contudo, a personagem a que os Evangelhos, depois de Jesus, concedem mais espaço, e, entretanto, não se tornou discípulo de Jesus. Jesus diria: o maior dos nascidos de

mulher, mas o mais pequeno no reino dos céus é maior do que ele (Cfr Mt 11, 11). Certa rivalidade se estabeleceu entre os seus discípulos e os de Jesus (Cfr. Jo 3, 22s. 4, 1s). Desconcertado pela mensagem e pela acção de Jesus (Cfr. Lc 7, 18-28), João esclarecerá: é preciso que Jesus cresça e eu diminua (Cfr Jo 3, 28-31).

7. João, a testemunha

⁶Houve um homem, enviado por Deus, que se chamava João. ⁷Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele. ⁸Não era ele a luz, mas veio para dar testemunho da luz. ⁹[O Verbo] era a verdadeira luz que, vindo ao mundo, ilumina todo homem.

¹⁹Este foi o testemunho de João, quando os judeus lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para perguntar-lhe: Quem és tu? ²⁰Ele fez esta declaração que confirmou sem hesitar: Eu não sou o Cristo. ²¹Pois, então, quem és? - perguntaram-lhe eles. És tu Elias? Disse ele: Não sou. És tu o profeta? Ele respondeu: Não. ²²Perguntaram-lhe de novo: Diz-nos, afinal, quem és, para que possamos dar uma resposta aos que nos enviaram.

²⁹No dia seguinte, João viu Jesus que vinha até ele e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. ³⁰É este de quem eu disse: Depois de mim virá um homem, que me é superior, porque existe antes de mim. ³¹Eu não o conhecia, mas, se vim baptizar em água, é para que ele se torne conhecido em Israel. ³²(João havia declarado: Vi o Espírito descer do céu em forma de uma pomba e repousar sobre ele.) ³³Eu não o conhecia, mas aquele que me mandou baptizar em água disse-me: Sobre quem vires descer e repousar o Espírito, este é quem baptiza no Espírito Santo. ³⁴Eu vi e dou testemunho de que ele é o Filho de Deus.

³⁵No dia seguinte, estava lá João outra vez com dois dos seus discípulos. ³⁶E, avistando Jesus que ia passando, disse: Eis o Cordeiro de Deus. ³⁷Os dois discípulos ouviram-no falar e seguiram Jesus (Ev. S. João cap.1).

O definitivo apagamento de João vai dar-se de forma trágica. Herodíades, amante de Herodes, seu cunhado e tio, detestava João porque denunciava os escândalos da corte, nomeadamente a sua união adúltera com Herodes. Em contrapartida, Herodes respeitava João e ouvia-o com prazer (Cfr. Mc 6, 17-20). Preso pelo ano 28, terá sido degolado na Primavera de 29, no fim de um festim de aniversário oferecido por Herodes. Com corpo dominado pelas iguarias e vinhos e o espírito rendido à excitação da luxúria, provocada pela dança da adolescente Salomé, filha de Herodíades traça-se a sentença de João. *Pede-me o que quiseres e eu te darei*. Palavra que disse! Instigada pela mãe, é a adolescente que anuncia a sentença: *Quero já num prato a cabeça de João Baptista* (Cfr Mt 14, 3-12; Mc 6, 17-29).

Porém, todos os louvores que acumularam os santos, falando de S. João Baptista, por grandes e admiráveis que sejam, emudecem perante o que o Senhor dos santos lhe deu, quando disse: *entre os nascidos das mulheres não houve maior que João Baptista*. Nisto se resume e cifra tudo quanto dele se possa dizer.

E comenta Eusébio Emisseno que de S. João não se pode louvar com voz humana, porque foi louvado pelo próprio Deus. E Sto. Agostinho conclui que se dentre os homens nascidos das mulheres não há outro maior que João, o que é maior que ele não só há-de ser homem, mas Deus. E foi tão parecido a Jesus Cristo em santidade que, em vida, foi tido pelo Messias (como diz Sto. Ambrósio) e, em morte, o Messias foi tido por João.

¹Naquele tempo Herodes, o tetrarca, ouviu a fama de Jesus, ²e disse aos seus cortesãos: Este é João, o Baptista. Ressuscitou dentre os mortos, e por isso tais poderes milagrosos operam nele. ³Herodes tinha prendido João e, maniatado, guardava-o no cárcere, por causa de Herodíades, mulher de seu irmão Filipe. ⁴Porque João lhe dizia: Não te é lícito possuí-la. ⁵E queria matá-lo, mas temia o povo que o tinha como profeta. ⁶Festejando o dia natalício de Herodes, a filha de Herodíades dançou no meio dos convivas, e agradou a Herodes. ⁷E Herodes prometeu, com juramento, dar-lhe tudo o que pedisse. ⁸Instigada por sua mãe, disse: Dá-me aqui num prato a cabeça de João, o Baptista. ⁹Entristeceu-se, então, o rei; mas, por causa do juramento, e dos convivas, ordenou ¹⁰e mandou degolar João no cárcere. ¹¹E a cabeça foi trazida num prato, dada à jovem, que a levou a sua mãe. ¹²Então vieram os seus discípulos, levaram o corpo, sepultaram-no e foram anunciá-lo a Jesus. ¹³Jesus, ouvindo isto, retirou-se dali num barco, para um lugar deserto (Ev. S. Mateus Cap. 14).

⁷Ora, o tetrarca Herodes soube de tudo o que se passava, e ficou muito perplexo, porque diziam uns: João ressuscitou dos mortos; ⁸outros: Elias apareceu; e outros: Um dos antigos profetas se levantou. ⁹Herodes, porém, disse: A João mandei-o degolar; quem é, pois, este a respeito de quem ouço tais coisas? E procurava vê-lo (EV. S. Lucas cap. 9).

Finalmente, depois de ter cumprido perfeitissimamente o seu ofício de Pregador da Penitência, Testemunha e Precursor do Senhor, foi-lhe cortada a cabeça por mandato de Herodes, a quem repreendia com grande liberdade, por ter tomado Herodíades, mulher de seu irmão Filipe, e estar publicamente amancebado com ela, em grande ofensa a Deus e escândalo para todo o povo, como se dirá, no dia de seu martírio que a Igreja celebra com particular solenidade.

Não quis nosso Senhor que faltasse ao seu amigo S. João este diadema e coroa tão gloriosa de Mártir, pois que lhe havia dado as de Doutor e Virgem e todas as outras excelências e grandezas que referimos.

Iconografia

Eremita, vestido de peles de animais.

Ainda, no **baptismo de Cristo**, a pomba (símbolo do Espírito Santo), um velho de longas barbas (figura do Pai eterno), em vez do cajado, uma cruz feita de canas ou ramos cruzados, três anjos com as vestes de Cristo, assistindo ao acontecimento extraordinário.

Também, na **degolação**, corpo tombado sobre o ventre, carrasco levanta a cabeça de João, Herodes abatido escuta as palavras de Herodíades, que assiste à degolação, longa cruz por terra, com filactéria, Salomé com sumptuosos trajes de festa recebe a cabeça num prato de prata e, de joelhos, entrega-a à mãe.

Só a **cabeça**, resumindo o martírio: prato de ourivesaria.

Ainda, João Baptista **apontando Aquele** que se deve seguir (Cristo), junto do cordeiro um cálice.

Sepultura em Sebaste, discípulos de João levando as cinzas do seu corpo para lugar seguro, Juliano ordena a destruição dos ossos do precursor, túmulo profanado por Juliano apóstata, ossos de João queimados na fogueira.

Atributos: Cordeiro (porque apontou o cordeiro de Deus), cruz, por vezes uma filactéria. Também ramos de vinha, símbolo da eucaristia e da paixão de Cristo.

Nome – de origem hebraica, significa o Senhor teve compaixão ou, simplesmente, dom do Senhor.

Localização – Palestina, no séc. I

Actividade e características – Pregou o arrependimento e a conversão. Baptizou Cristo. As cenas já referidas, embora extraordinárias, têm a ver com a visita de Nossa Senhora a santa Isabel, a fuga provocada por Herodes pelo nascimento de Jesus e a sua presença no deserto, o baptismo de Jesus e a sua pregação.

Patrono – lenhadores, hospedeiros, passarinhos, cutileiros, costureiros, alfaiates e fabricantes de objectos em couro.

Culto universal difundido desde o séc. IV, a partir do seu túmulo, segundo a tradição, em Sebaste, na Samaria.

Festas: 24 de Junho (nascimento), 29 de Agosto (martírio), 23 de Setembro (concepção).

Pe. Pedro de Ribadeneyra, *Flos sanctorum*, pp. 256-261, Tomo II, Barcelona 1790

Rosa Giorgi, *Les Saints*, par Dominique Férault, pp. 189-197, Ed. Hazan, 2000

J.L. Martín Descalzo, *vida e mistério de Jesus de Nazaré*, vol. 1, pp. 6-91, ed. Missões, Cucujães, 1994

Louis Réau, *Iconografia del arte cristiano Tomo I, Vol. 2*, pp. 203-219, ed. Del Serbal, 2000

Trad. Coordenação e Composição de MA